

A invenção de Gutenberg

**Não há progresso sem mudança.
E quem não consegue mudar a si mesmo
acaba não mudando coisa alguma.**

George Bernard Shaw (1856-1950), dramaturgo inglês.

Após o fim do **Império Romano do Ocidente** em 476 d.C. o Continente Europeu mergulhou em um longo processo de ruralização, com o retorno da população urbana para o meio rural. Com a queda do último imperador do Ocidente, Flávio Rômulo Augusto, a população mais abastada começou a deixar as cidades e se encastelar em grandes propriedades distantes dos antigos centros urbanos (Feudos), Dorigo (2002) descreve,

As transformações ocorridas no Império Romano do Ocidente, como o êxodo urbano e a ruralização causadas pela crise escravista, foram aceleradas com as invasões barbaras, resultando na queda do império em 476. A partir daí, e estendendo-se até o século X, sucedeu, então, um período marcado pelo predomínio da vida rural e ausência ou severa redução do comércio no continente europeu, denominado Alta Idade Média. (p.117)

Chegava ao fim a **Idade Antiga** e tinha início a **Idade Média** no continente europeu. Neste momento da História surge um novo poder que por muitos séculos ditaria as regras no mundo ocidental: a Igreja Católica Romana, sob a liderança de homens denominados **Papas**. Através de suas ordens religiosas, a igreja monopolizou a produção de livros, que a partir de então passaram a ser criados de maneira artesanal pelos monges copistas, como afirma Vicentino (2002),

O trabalho dos monges copistas, reclusos em mosteiros, permitiu preservar muitos manuscritos da Antiguidade Clássica. No período medieval, esses indivíduos eram praticamente os únicos com cultura letrada. Nesse quadro, não é de estranhar que o principal filósofo medieval tenha sido um religioso do Baixo Império Romano, preocupado basicamente com assuntos ligados à doutrina cristã. Santo Agostinho [...]. (p.137)

Muitos livros eram reaproveitados, apagando-se textos antigos e substituindo-os por escritos geralmente de caráter religioso e eram chamados de **palimpsesto**. Porém, tanta dedicação investida na criação destes manuscritos tinha um preço: a demora de se produzir um único volume.



FIGURA 1 - Os escribas copiavam os livros à mão. Fonte: Google imagens [pesquisa:manuscritos]

Depois de prontos, os livros tinham seu uso restrito aos homens da igreja ou a poucos privilegiados que não tinham cargos eclesiásticos. Outro fator que contribuía para a restrição e elitização dos manuscritos era o **Latim**, língua oficial dos documentos da igreja, que não era a língua falada pela classe popular, que usava como meio de comunicação oral a **vulgata**, um latim cotidiano. Era necessário produzir livros em larga escala e escritos em uma linguagem que fosse familiar ao povo.

Os chineses já dominavam técnicas de impressão em papel, inventado por eles no ano 105 d.c. e inserido no continente europeu pelos árabes que dominavam a Espanha. Sobre esta invenção, encontramos a seguinte informação na obra de Manuel Castells (2007),

[...] E, claro, a primeira revolução no processamento da informação foi chinesa: o papel e a imprensa foram inventados na China. O papel foi introduzido nesse país mil anos antes que no Ocidente, e a imprensa provavelmente começou no final do século VII. (p.45)

Mas o trabalho de gravação desenvolvido pelos orientais não era **automatizado**, a cada página ou unidade impressa, era necessária a intervenção humana. Os tipos móveis (letras geralmente feitas de metal que agrupadas formavam textos), a tinta, **prensas** e o papel já faziam parte do cotidiano de muitos profissionais no **Velho Mundo**. Coube a **Johannes Gensfleisch**, mais conhecido como **Gutenberg**, juntar técnicas e materiais para mecanizar a produção de material impresso. Foi assim que ele adaptou uma prensa utilizada na produção de vinhos que consistia de um suporte fixo e uma parte superior móvel com o formato de um parafuso gigante. Uma forma com os tipos móveis era colocada sob a parte fixa, passava-se tinta no bloco de palavras, colocando-se a folha por cima. Em seguida, a parte superior da prensa era movida para baixo e pressionava o papel contra os tipos. Assim nasceu a **Tipografia**, precursora da **imprensa** moderna.



FIGURA 2 - O trabalho na oficina: o homem da esquerda confere uma página pronta; o da direita passa a tinta no bloco de palavras que irá compor a próxima página. Fonte: Google imagens [pesquise:gutenberg]

Os primeiros impressos gerados por meio tipográfico eram de caráter religioso. Considerado o primeiro livro impresso, a bíblia de 42 linhas (duas colunas com 42 linhas cada) ou B-42, publicada por volta de 1456, entrou para a história como a **Bíblia de Gutenberg**. Muitos estudiosos creditam parte do sucesso da chamada Reforma Protestante liderada pelo monge alemão Martinho Lutero (1483-1546) à invenção da Imprensa, dada à rapidez e alcance conseguido pelos impressos difundidos pelos reformadores, depois chamados de protestantes. O reflexo imediato da mecanização e produção de impressos em larga escala foi importante incentivo para o aumento de leitores em camadas sociais onde o hábito da leitura era novidade e aos poucos foi se tornando comum a partir do momento em que a palavra escrita começou a chegar às mãos das massas com uma linguagem familiar, possibilitando o que poderíamos classificar como uma das primeiras demonstrações de **democratização do conhecimento.**